

Aberturas: Educação, Comunicação e Museologia para sulear a partir da biografização das narrativas

Openings: Education, Communication and Museology to sulear from the narrative biographization

Marcela de Queiroz Teófilo ¹

Marina Assis Fonseca ²

Resumo:

As linhas que se seguem discorrem sobre as aberturas do Museu do Cotidiano (mUc), sobretudo ao que chamamos de vozes suleadoras, abertas a diálogos. Entre 2017 e 2019, dois estudos no campo da Educação em Museus, pesquisaram elementos deste museu de objetos, localizado na capital mineira. O intercâmbio com outras referências e a imersão no cenário das visitas ao mUc embasaram a pesquisa na qual uma Professora de Filosofia se comprometeu a produzir o Podcast decolAtiva. Destacadamente, a Pedagogia de Freire, a Curadoria decolAtiva, bem como a mediação narrativa de Antônio Carlos Figueiredo, o Movimento (auto)biográfico e a Educomunicação sulearam o desdobramento das tomadas de decisões teóricas e metodológicas. Ao combinarmos conceitos, meios e linguagens da Educação, da Comunicação e da Museologia, suleamos a partir da biografização das narrativas e da libertação de vozes mediatizadas. Desde a gravação durante as visitas, passando pela edição do Podcast, até a divulgação das pílulas da trilha sonora inicial, compartilhamos (auto)reflexões que relacionam sujeitos e linguagens. Nestas, refletimos sobre propostas decoloniais no ensino e na aprendizagem, em sua importância para a construção autônoma de uma Epistemologia do Sul.

Palavras-chave: Educação em Museus; Sulear; Podcasts.

Abstract:

The following lines discuss about the openings from the daily museum (mUc), especially what we call sulear voices, opened to the dialogues. Between 2017 and 2019, two studies in the museum education area, helped the researchers to investigate elements from this museum, localized in Minas Gerais. The exchanging with others references and the immersion in the scene of visits at the mUc became possible to a philosophy teacher to make a Decolactive podcast. Outstandingly, the Freire's pedagogic, the Decolactive curatorship, as well as the narrative mediation offered by Antonio Carlos Figueiredo, the movement (auto)biographical and the Educommunication guided the unfolding theoretical and methodological decisions. By combining concepts, means and languages from the education, communication and museology areas, we suleared considering the narrative biographization and the freedom of the mediation voices. Since the recording during the visits, going through the edition of the podcast, up to the divulgation of the initial soundtrack pills, we shared (auto) reflections which relates to subjects and languages. So, we reflected about decolonials proposals in the teaching and language, and also their importance to the autonomous construction in the southern epistemology.

Key-words: Museum education; Sulear; Podcasts.

¹ Mestra em Educação pela Faculdade de Educação da UFMG.

² Doutora em Ciências e Cultura na História, Professora na Faculdade de Educação da UFMG.

Das vozes suleadoras...

Onde está o sujeito em “Experimenta, coleciona, faz curadorias, expõe, media, narra, escuta e dialoga.”? Pode estar à deriva por uma grande capital brasileira, a observar ruas e situações, de dentro de um transporte coletivo no qual decidiu embarcar. Ao fazer o caminho de volta, possivelmente saltará com novos objetos em uma bolsa, num ponto de ônibus do centro da cidade. E basta que percorra alguns quarteirões, abra uma porta de aço e entre em um museu do Sul³ que, muito antes de existir em um reconhecido circuito cultural⁴, existia apenas num imaginário. As vozes de uma gama de sujeitos “do lado de baixo do Equador⁵”, na voz do homem que garimpa e coleciona mais de 100 mil itens, sobre os quais narra curiosas histórias... Este cenário diverso, abriga mesmo um museu “institucionalizável”? De perguntas assim, costuma-se traçar um meridiano que convida polarizações, dualismos, controvérsias e diversidades para um complexo debate.

O sujeito e o museu acima referidos existem de fato e podem ser visitados em Belo Horizonte, Minas Gerais. Com Antônio Carlos Figueiredo e seu Museu do Cotidiano (mUc), descobrimos muita história para contar. Tanto que tal descoberta se revelou propícia para desenvolvermos o que, no início de 2017, era um projeto de pesquisa aprovado para a linha de Educação em Museus e Divulgação Científica, do Mestrado Profissional Educação e Docência (PROMESTRE/FaE/UFMG). A proposta conjugava refletir sobre controversas questões epistemológicas associadas ao ensino e à aprendizagem, até então vivenciadas no ensino básico escolar. De que formas e com quais conteúdos, são pensadas as controvérsias que acompanham as ações educativas de um ambiente não formal como o museu? Para tanto, pressupunha-se recorrer à oralidade como matéria-prima para a criação de um Podcast⁶. Mas, onde desenvolver os conteúdos sonoros era ainda algo a definir. Qual não foi a nossa surpresa, quando o museu que nos receberia se apresentou tão logo a colega Isabela Vecchi Abijaude⁷ começou a descrever, nos primeiros seminários de linha de pesquisa, a trajetória de formação do local onde desenvolveria seu estudo:

Antônio Carlos Figueiredo se autodenomina um “deseconomista muito bem sucedido em seus equívocos”. Natural de Ouro Preto mudou-se ainda criança para Belo Horizonte onde estudou e trabalhou no setor bancário durante muitos anos. A paixão pela arte e pela cultura material, no entanto, falou mais alto a certa altura e,

³ Chamaremos aqui de “museu do Sul” o tipo de proposta museal originada em países e das idéias de sujeitos da América do Sul

⁴ Referimos como “processo de institucionalização do Museu do Cotidiano” o momento de adaptações para abertura do espaço para visitas de público. Tal período é potencializado pelo reconhecimento do mUc como integrante do Circuito Liberdade. Este último, desde 2010, abrange museus, centros de cultura e de formação, praça etc., todos localizados em uma área histórica de Belo Horizonte (MG).

⁵ Trecho inspirado na canção “Não existe pecado ao Sul do Equador”, composta pelo artista Chico Buarque e lançada em 1973.

⁶ Podcast é um formato de áudio inspirado em programas de rádio. Seriado, pode ser “seguido” por inscritos e notificado a cada novo episódio. Há possibilidade de ser ouvido online e offline. A produção das pílulas sonoras do *Podcast decolAtiva* se valeu de recursos (aplicativos, plataformas, programas etc.) abertos e gratuitos, bem como de aparatos de uso cotidiano como smartphone e computador.

⁷ Isabela Vecchi Abijaude é arquiteta e professora em um curso universitário de Arquitetura. Com experiências em expografia museal, publicou informações que costumava compartilhar ao longo do curso de mestrado no artigo cujos trechos foram aqui citados. A publicação pode ser conferida na íntegra por meio do acesso ao Periódico cultural *Letras*, do Café com Letras, em abril de 2018. Em uma unidade deste café que dá nome ao jornal e também se localiza em meio ao Circuito da Liberdade, Antônio Carlos faz exposições itinerantes de objetos, num revezamento de curadorias próprias (em grande parte) e sob temas variados. Mais detalhes sobre o Museu do Cotidiano em <https://www.cordisnoticias.com.br/2018/06/por-um-museu-docotidiano.html?m=1> Acesso em 13/01/2019.

a partir de uma decisão radical tomada ainda na década de 1980, passou a guiar os rumos do colecionador. (ABIJAUDE, 2018, p.26)

Mesmo se tratando de um enredo encontrado há décadas por nossa companheira de turma, sobressaltava o quanto a vida de Antônio Carlos aparecia como parte fundamental na apresentação de sua obra, ou seja, do mUc:

Seu interesse pelos objetos data da sua mais tenra infância e esteve presente em todos os momentos de sua vida mesmo quando ainda não tinha assumido sua condição de colecionador. Porém essa alcunha não lhe agrada, pois ao seu ver não é ele quem coleciona, são os objetos que o perseguem. Em 1987, após abandonar sua promissora carreira como diretor de banco, inaugura sua primeira galeria de arte: a Matiz Arte Galeria com uma exposição de Carlos Bracher. (ABIJAUDE, 2018, p.26)

O desenvolvimento de ambos, sujeito e ambiente de pesquisa, esteve a todo o tempo inscrito na mesma narrativa:

Essa primeira galeria funciona na Savassi durante cinco anos e em 1992 Antônio Carlos a transfere para o endereço da Rua Bernardo Guimarães onde se encontra até hoje. Em 1993 troca o nome da galeria para Matiz Arte e Objeto, já indicando a mudança de rumos da sua coleção. Os objetos já tinham começado a sua implacável perseguição. Um dia ao conversar com um amigo, o artista plástico Amilcar de Castro, ouviu dele a seguinte frase: - Antônio, você gosta mesmo é dessa estória de objetos. Vá fundo nisso! Vá até as últimas consequências! E ele foi. Hoje Antônio Carlos contabiliza mais de cem mil objetos, espalhados em nove endereços. Há 6 anos o nome Museu do Cotidiano começou a ser usado por ele para designar esse conjunto de objetos. Mas será mesmo um Museu? (ABIJAUDE, 2018, p.26)

De maneira espontânea, percebeu-se que estávamos diante de um ambiente propício para o desenvolvimento dos dois estudos. Por conseguinte, até a definição, houve um intervalo aproveitado para pesquisar as publicações sobre o mUc disponíveis na Internet. Artigos de blogues, jornais e revistas, matérias divulgadas em programas de TV e até um videoclipe gravado entre os montes de objetos do local: predominava nos materiais acessados a mesma característica de mescla da biografia de Antônio Carlos com a biografia do próprio Museu do Cotidiano. Reforçamos no decorrer do percurso que as mídias virtuais de comunicação igualmente enfatizavam a importância da vida e da voz daquele senhor, o “Objeteiro”, para o nascimento e para o discurso do Museu do Cotidiano⁸.

[...] Que tipo de Museu pode ser esse? O que podemos chamar de “cotidiano”? O que Antônio Carlos possui pode ser considerado uma coleção? Quais as características desse acervo? Como viabilizar a visita de público a esse espaço? Como tornar pública a coleção? (ABIJAUDE, 2018, p.26)

⁸O Prof. Eduardo Antônio de Jesus, do Departamento de Comunicação (FAFICH/UFMG), onde atualmente é subcoordenador do Programa de pós-graduação em Comunicação Social, coorientou Isabela Vecci. Ao participar das bancas de Qualificação e Defesa de Marcela Teófilo, discorreu sobre a adequação da referência do Movimento (auto)biográfico, detalhada mais adiante. Experiente em curadorias e estudos relativos às comunicações audiovisuais integrantes de espaços expositivos, o Prof. Eduardo observou um grande potencial do *Podcast decoAtiva* para desenvolver como ação educativa no mUc. Este, segundo ele, apresenta interessante sintonia com o cenário do Museu do Cotidiano, sendo um conteúdo de áudio que se beneficia de narrativas de vida propícias a alcançarem e aproximarem os públicos. Por meio da prática de abordarem a subjetividade, comentou que as pílulas também estimulam reflexões contemporâneas importantes, haja vista tantos conflitos envolvendo sujeitos (auto)expostos nas mídias sociais.

Era uma fase na qual questionamentos em série já moviam a investigação que levou o Museu do Cotidiano para um estudo sistemático na Academia. Decerto, as vozes de Antônio “Objeteiro” e de Isabela Vecci seguiriam em diálogo com as vozes de muitos outros sujeitos. Estes últimos correspondem a antigos(as) donos(as) de objetos expostos, profissionais que buscam no mUc ítems para seus trabalhos⁹ ou até mesmo pensadores(as), cujas teorias iniciaram uma conceituação formalizada das proposituras do espaço¹⁰. Para além de um jeito característico de “garimpar”, reunir e expor objetos, estamos diante de encontros e conversas entre uma pluralidade pessoas. Daí Antônio Carlos afirmar que não lida com objetos meramente decorativos. Segundo ele, tratam-se de “objetos decolativos, pois fazem a imaginação decolar!”¹¹.

Na qualidade de visitantes, logo pudemos experimentar a leitura de mundo a partir do Museu do Cotidiano. Durante uma temporada de imersão no contexto das visitas¹², decolamos nesta experiência de ressignificar sujeitos e objetos. Para traçarmos sob quais eixos um Podcast registraria as narrativas realizadas no mUc pelo “Objeteiro”, bem como estas repercutiam junto a quem visitava o local, precisávamos alargar nossa percepção. Observar, pesquisar, agir e expandir mensagens, nos percursos das estreitas trilhas do mUc; Quem sabe uma Pesquisa-ação¹³ nos capacitaria a esboçar uma ação educativa? Com o tempo, constantemente na escuta das vozes e na observação de emoções manifestas no cenário de visitas escolhido, indicavam-se para nós as teorias e metodologias apropriadas para produzirmos os conteúdos sonoros. De maneira processual, relataremos também no presente artigo elementos influentes na decisão de nossas fontes¹⁴.

Em cerca de dois anos, procuramos nos emancipar da condicionada busca por “um norte”, isto é, das limitações em formas, conceitos e fluxos de pensamento pré-definidos. Que tal uma ressituação que dialogasse com as reflexões tecidas no desenrolar do esboço de um plano museológico¹⁵? Dissemos sim à atitude flexível de nos movimentarmos no dinamismo da “Filosofia do mUc”. Enveredamos, sem pressa, numa conceituação consciente de consideráveis questões ontológicas,

⁹ O Museu do Cotidiano aluga objetos para compor cenários de teledramaturgia, de ensaios fotográficos, para decoração e ambientes, eventos etc..

¹⁰ Alguns deles são: Deleuze e Guattari, Foucault, Zumthor, Bakhtin, Walter Benjamin...

¹¹ Há anos, a Profa. Verona Campos Segantini (Escola de Belas Artes/UFMG)¹¹, que reúne expressivas atuações no Circuito da Liberdade, acompanha a caminhada do Museu do Cotidiano. Por isso, nos contatos com os estudos aqui referidos, em especial no que se refere à criação do *Podcast decolAtiva*, contribuiu com suas experiências em Educação das sensibilidades, cidade, formação de coleções e expografias. Inclusive, esta pesquisadora e curadora denominou como “Curadoria Decolativa” o singular trabalho do “Objeteiro” e sugeriu associações que enriqueceram as construções teóricas da pesquisa (“O Narrador”, de Benjamin e os “Objetos geradores”, de Ramos. Vide Referências)

¹² Entre 2017 e 2018, houve o acompanhamento e a captação dos áudios das visitas ao mUc, as quais aconteciam sob agendamento. As gravações editadas para o *Podcast decolAtiva* foram referentes às visitas de pessoas que, assim como a pesquisadora Marcela Teófilo, tem experiências de participação no *Projeto Para Elas: por elas, por eles, por nós* (Núcleo Saúde e Paz/ Faculdade de Medicina/UFMG). Na ocasião, houve aprendizados com bases em teorias e metodologias fundamentais para o Mestrado Profissional de Promoção de Saúde e Prevenção da Violência (Faculdade de Medicina/UFMG), durante as Rodas de Conversa e Oficinas do Projeto supracitado e no curso de disciplinas eletivas.

¹³ Duas metodologias muito propícias para pesquisas na área de Educação viabilizaram, respectivamente, o processo de registro e edição dos áudios, quais sejam: a Pesquisa-ação e a Epistemologia Qualitativa.

¹⁴ Foram fontes fundamentais: o Movimento (auto)biográfico, as idéias de pensadores(as) variados(as), a Educomunicação e o suporte da Epistemologia Qualitativa para criar uma linha editorial, uma identidade sonora para o *Podcast decolAtiva*.

¹⁵ Um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação no PROMESTRE/FaE/UFMG é desenvolver um produto didático/educacional a partir do estudo registrado na Dissertação. No caso de Isabela Vecci, ao sistematizar uma conceituação do mUc, ela esboçou um Plano Museológico inicial, o qual vislumbrava soluções possíveis para adequar parâmetros de segurança, acessibilidade e exigências necessárias à abertura do Museu para visitas de público.

culturais e políticas específicas de uma sociedade ao “sul do globo”. Eram 350m² de clara expressão cultural, prontos para exporem o que torna o mUc imensamente peculiar para caber em paradigmas museológicos tradicionais, não raro eurocentricos e imperialistas. Ademais, idéias importadas em predomínio destoam de parte do que desponta¹⁶ no universo museal originário da América Latina. Então, o que fazer? Manter as portas fechadas para visitas de público, em nome de se fechar em hegemonias conceituais e definições pré-formatadas? Ou, no trato das memórias e patrimônios, haverá alguma brecha para empreender aberturas, proclamar a independência de idéias nossas?

No mesmo ambiente expositivo, pluralidades combinadas e espaços de fala abrem uma trilha de vozes em diálogo no seio de uma nação sul americana de dimensões continentais. Entre imponentes cicatrizes de um processo colonizador, por meio da (di)gestão de registros nebulosos e com o correr dos séculos, encontramos miscigenadas maneiras de conservar e de desconstruir heranças da colonização. Podemos, afinal, aprender a partir da finalidade mutante de uma coleção particular, na qual se revelou o ímpeto de compor um acervo museal de expressão coletiva. Intensas problematizações e movimentos de características decoloniais, em especial os que rondaram as décadas imediatamente anteriores e posteriores à virada do século, acompanham-nos em tal aprendizado. Rever abordagens e sentidos, incluir estrangeiros¹⁷, pessoas com deficiência e outras diversidades no convite para que cada visitante do mUc consiga se reconhecer um pouco. E até mesmo “redescobrir” um tanto das próprias raízes nas trilhas decolativas do Museu do Cotidiano: por que não?

No que diz respeito às áreas de conhecimento dos(as) pesquisadores(as) recebidos(as), o “Objeteiro” mantém a postura aberta que lhe é habitual e indistinta. Acolhe sujeitos dispostos(as) a considerarem tópicos da Museologia sim, mas não exige que sejam especificamente museólogos(as). Na circunstância que aqui dividimos, o que unia os(as) estudiosos(as) envolvidos(as) era a experiência que tinham como educadores(as) e docentes. Contribui com este fato o quanto a área da Educação se esforça por seguir reflexiva, ainda que tão preterida em meio aos investimentos de nosso país. Perante o desafio de combinar linguagens, métodos e significados, de resistir em seu delicado papel de ruptura com ultrarresistentes dinâmicas de opressão, educadores(as) se reinventam cotidianamente. Tais profissionais estão no bojo do construir e divulgar informações e conhecimentos, do criar, alimentar ou quebrar paradigmas ao longo dos tempos. Nesse ponto, no relacionamento entre os ambientes formais e não formais de aprendizagem, a Educação em Museus é o campo do conhecimento que tem promovido um conjunto intersecção sugestivo para nós na relação das diversidades e das singularidades com o que diz respeito ao conhecer.

Falando do fundamental posicionamento crítico de educadores(as), pelo viés da aprendizagem, ao ganhar mundo e inspirar inversões de uma lógica colonizada, um célebre brasileiro contribuiu conosco em todas as etapas de raciocínio. Paulo Freire nos convida a pensar sobre a importância de termos clareza do que chamou de “temas geradores” dos nossos diálogos¹⁸ e valorizá-los. Nos anos de fechamento do século XX, atenta à presença de determinados termos em nosso linguajar, ocorreu uma problematização cuja lembrança se tornou ilustrativa em cursos de formação de

¹⁶ Na América Latina, sobretudo em estudos realizados pelo campo da Museologia Social, é possível encontrar trajetórias de sujeitos que se mobilizam na construção de “museus afetivos”, “museus das comunidades” e afins. Eis um característico protagonismo na construção de memória e na definição daquilo que pessoas, grupos e regiões reconhecem como patrimônio.

¹⁷ A singularidade do mUc atrai a visita e a admiração de muitos tipos de pessoas, dentre as quais estão alguns estudiosos estrangeiros.

¹⁸ O conceito de “temas geradores”, marcante na Pedagogia de Paulo Freire, associa-se à idéia de “Objetos-geradores”, de Francisco Regis Lopes (Vide Referências de “A danação do objeto”). No contexto de visitas do mUc, os objetos expostos geram narrativas e diálogos.

docentes: a passagem conta sobre as estimulantes colocações do físico Marcio D’Olme Campos em seus diálogos com o casal Ana Maria Freire e Paulo Freire. Com efeito, o trio de educadores e estudiosos percebeu no uso de palavras como “nortear” e “orientar”, por exemplo, uma influência muito menos sutil do que aparenta na construção, na produção e na democratização de conhecimentos. Nasceu assim o termo “sulear” e suas respectivas repercussões no saber de um sujeito que decidiu fazer diferente e, ao invés de “se nortear”, “suleou-se” de forma efetiva. Antes de sua vida e de sua obra repercutirem em tantos países e continentes, Freire agiu como um pensador no educador que abraçou o próprio povo e país. Abrigou suas origens e originalidade no diálogo cotidiano com e entre os sujeitos da educação, considerando os lugares onde viviam e de onde falavam, bem como sua subjetividade e seus significados. Em suma, de uma palavra se desenrola um tema significativo no cotidiano dos(as) educandos(as). Deste, desenvolve-se uma pedagógica aproximação. Intersubjetivas e conscientizadoras, conversas problematizantes e com conhecimento de causa podem nos levar para além de nossas zonas de conforto, atravessando os muros e os tempos da escola¹⁹.

Voltando-nos para o mUc, como o “Objeteiro” se aproxima dos (as) visitantes ao longo de suas mediações junto do Museu do Cotidiano? Na companhia dele, freireanamente, trilhamos pelas contações de histórias e testemunhamos diálogos em torno dos objetos em exposição. Evocamos ainda outros(as) questionadores(as) que teorizaram acerca de incongruências socioculturais, numa espécie do que Mário Sérgio Cortella chama de “curadoria de conhecimentos”. Ao abordar a progressiva aproximação entre Comunicação e Educação nas últimas décadas, este filósofo, educador e discípulo de Paulo Freire chama a nossa atenção para como transformações tecnológicas transformam também a relação sujeito-conhecimento. De acordo com ele, vivemos uma tempestade de informações que inaugurou a “Era da Curadoria”, na qual “o que importa é saber o que importa²⁰”. Para alcançarem conhecimentos em tal “era”, cabe aos sujeitos o aprendizado de como serem curadores daquilo que tem importância em seus processos de vida. Informações de todos os temas chegam aos montes e por incontáveis mídias, mas, quais delas geram os conhecimentos, diálogos e problematizações que nos importam? No ritmo da contemporaneidade, a depender daquilo a que dão importância, homens e mulheres podem dispersar ou potencializar o próprio conhecer. Isto foi relevante para nós, desde que partimos do multiverso do mUc. Etapa por etapa, importaram-nos as teorias e práxis pertinentes ao contexto estudado²¹.

O objetivo de escutar, reunir e expor intersubjetividades, ativa e observadoramente, culminou nas 6 (seis) pílulas da trilha sonora inicial do *Podcast decolAtiva* para o Museu do Cotidiano. Num almanaque²², confere-se um mapeamento ilustrativo e instrucional dos caminhos de produção, hospedagem e divulgação sugerida para os áudios. Ao descobriremos como e o que se dialoga no

¹⁹ “Parece simples demais que uma palavra decodificada possa expressar tanto sobre o cotidiano dos(as) estudantes, não é mesmo? Sim e, apesar do tamanho desta simplicidade toda foi assim que, para citar um exemplo, já em 1961, no Recife, Freire e sua equipe chegaram a alfabetizar 300 cortadores e cortadoras de cana em 45 dias”. (TEÓFILO, 2019, P.39)

²⁰ Menção do título e ao subtítulo do livro de Cortella, em parceria com o jornalista Gilberto Dimenstein (Vide Referências).

²¹ Por isso, os referenciais elencados geraram surpresas e se depararam com controvérsias, sobretudo nas searas acadêmicas com muito a se sulearem. Nossas bases teóricas e instrumentos compartilharam da impressão de excentricidade causada pelos objetos e pelas propostas do “Objeteiro”: precisaram inclusive ser garimpadas, pouco à pouco, afim de se apresentarem apropriadas para o singular cenário de pesquisa.

²² As pílulas do *Podcast decolAtiva* estão disponíveis em <https://soundcloud.com/marcelafilosofia21> (Acesso 28/10/2019). A dissertação “Podcasts no Museu do Cotidiano: um estudo sobre conteúdos sonoros e diálogos abertos” e o “Iniciando a trilha sonora do **Podcast DecolAtiva** no Museu do Cotidiano (mUc): um pequenino almanaque...” podem ser encontrados na biblioteca (FaE/UFMG).

contexto expositivo do mUc, decolativamente, que tal levarmos os aprendizados desta atitude de escuta para diferentes intervenções e espaços? Esta meta nos rendeu uma gestação desafiadora, ousada, surpreendente e em constante deriva. Se os objetos o “perseguem”, segundo o “Objeteiro”, cada conceito, método, software e elemento adotado magnetizou e atraiu o nosso estudo. Combinamos campos do conhecimento e narrativas de agentes em vários e diferentes papéis. De forma viva e aberta, no mUc, vivemos uma oportunidade memorável de conhecer pelo sulear. Uma experiência de ir além da reprodução de formas padronizadas, capaz de despertar provocativos questionamentos. A seu modo, todos(as) ensinam e aprendem num mesmo horizonte. Se o horizonte é o Museu do Cotidiano, assim como o “Objeteiro”, aprendemos sobre os caminhos sinuosos da busca pela autorização de falas, pela legitimação de discursos e conhecimentos produzidos do, por e para uma elaboração epistemológica suleada.

O “Objeteiro” precisou/precisa escutar vozes variadas e se deslocar da previsibilidade de determinadas concepções sobre os objetos do cotidiano. Este é o motivo pelo qual, ao invés de adentrarmos um depósito de objetos acumulados, podemos visitar o Museu do Cotidiano. Nada esteve presente desde sempre e se dispõe de maneira aleatória, fixa no mUc. Lá, toda história ganha detalhes e uma ênfase transformada por um cenário; Sem a este se prender no entanto, tende a se modificar em outras posições e até em outros ambientes. Desencadeados por uma voz narradora onisciente que conclama outras vozes, os enredos de cada coisa se desenvolvem porque se enredam no diálogo com o Outro. Assim, as narrativas podem receber de um(a) visitante revelações de novos detalhes e nuances. O movimento está em tudo no cotidiano do mUc e a ele se dedica o sujeito que se desconstruiu e se reconstruiu profissionalmente, até contruir para si uma profissão compatível às suas singulares perspectivas e finalidades. No “Objeteiro”, tudo convida a todos(as) para que também levem objetos, histórias e propostas para passearem por outros lugares e contextos. Enfim, a “abertura” do Museu do Cotidiano nos inquieta em todos os sentidos da palavra. Sem abrir guerra, abrir trilhas e diálogos diversos, nos quais vozes se suleiam de forma não apenas geográfica. O que aprendemos com aquilo que escutamos de sujeitos do Sul, num museu do e no Sul?

Educação, Comunicação e Museologia para sulear a partir da biografização das narrativas

Onde fica a sua voz quando outros sujeitos narram e comentam histórias de sua vida? Como mediar diálogos entre vozes sem colonizar os sentidos subjetivos do Outro? Em que medida a América do Sul está conscientemente suleada e/ou norteada em seus métodos e tópicos de ensino, pesquisa, produção pedagógica e cultural? De dúvidas desse tipo, chegaram para nós pertinentes questões epistemopolíticas²³. Dentro do próprio meio acadêmico, áreas divergem e convergem quanto à cientificidade de conhecimentos advindos de determinadas experiências e paradigmas não predominantes. Embora tal realidade nos desafie, é necessário manter claro que “[...] subestimar a sabedoria que resulta necessariamente da experiência sociocultural é, ao mesmo tempo, um erro científico e a expressão inequívoca de uma ideologia elitista” (FREIRE, 1992, p. 85). A recorrência das narrativas (auto)biográficas nas produções acadêmicas e extra-acadêmicas sobre o Museu do Cotidiano foi observada por nós como algo além de um detalhe irrisório. Por que relativizar a importância da presença da biografização das narrativas nas pesquisas científicas e em nossas trocas cotidianas? Nas últimas décadas, enquanto o “Objeteiro” caminhava em direção ao mUc, as Ciências Humanas e Sociais também se permitiam a conhecer por meio do ato de narrar que, aliás, permeia os convívios no cotidiano de uma sociedade. Reafirmamos a potência da Educação que nos garante como um prisma atravessado pela luz de uma variedade de saberes:

²³ Conceito de Pineau e Le Grand (2012).

[...] as narrativas levantam os eixos da pesquisa (auto)biográfica em Educação como um campo que pressupõe o seguinte: cada sujeito se apropria da linguagem, do gestual, das imagens, desenhos e afins, quando conta as suas experiências. Além da situação de se depararem com histórias de vida, ao narrarem, os sujeitos misturam as próprias vidas, por via de um olhar próprio determinante em suas narrativas. Daí tem início outra forma de contar: a narrativa (auto)biográfica. Essa ideia se aprofunda quando a produção de outro tipo de narrativa é pensada enquanto algo que traz características singulares. Pela chamada “biografização” do narrar, o narrador traça um enredo que o permite reinterpretar os fatos ao mesmo tempo em que se reinventa. A razão de ser do campo da pesquisa (auto)biográfica está em investigar o seguinte: como tal atitude subjetiva contribui para os estudos científicos e possibilita conhecimentos humanos e sociais? (TEÓFILO, 2019, p. 33-34)

Adiante, contaremos um pouco sobre um encontro de ações marcado no curso do tempo. O próprio Movimento (auto)biográfico, passando pela criação de Mestrados Profissionais e sua ressonância com a Educomunicação foram estudados como afluentes de um único e caudaloso rio. Deste último, bebe-se muito do que ora trazemos como tópicos epistemológicos do Sul. No decorrer dos acontecimentos, o(a) leitor(a) encontrará na caminhada de formação do Museu do Cotidiano uma linha invisível que sintetiza e concatena cada fonte/pérola do “colar conceitual” nós vislumbrado:

Defendemos que as narrativas de Antônio “Objeteiro” no Museu do Cotidiano são de natureza (auto)biográfica e os parênteses usados no prefixo reflexivo de tal denominação destacam o seguinte: as narrativas perpassam histórias componentes das vidas cotidianas de pessoas, o que não implica que o narrador a toda hora teça apenas narrativas de si. No caso do nosso narrador de histórias sobre os objetos que ele mesmo encontra, coleciona e disponibiliza, as narrativas trazem sim contações de casos sobre as pessoas que guardavam ou possuíam os itens, os lugares por onde viveram e passaram. Entretanto, na espontaneidade de uma conversa, no movimento de livre apropriação por meio de sentir o espaço e o tempo a partir do que pede o momento do encontro... Antônio Carlos se permite a algumas onisciências, conta intercaladamente casos de quando a sua própria história e seus objetos pessoais também participam da reunião de todas as demais histórias e objetos do mUc. (TEÓFILO, 2019, p. 32-33)

Na década de 1980, mudanças de paradigmas que alcançaram as interações Sujeito-Objeto no campo da linguagem agiram nos acontecimentos da época. Estes, por sinal, além dos primeiros passos do mUc, abrangem o Movimento (auto)biográfico, simultaneamente à referida Pedagogia de Freire que se desenvolvia²⁴. Por intermédio de professores(as) cuja formação recebeu influências das práticas libertadoras experimentadas por este notório educador, cumpriram os ciclos básicos de ensino muitos(as) daqueles(as) que chegaram às universidades a partir do ano 2000²⁵. Parte expressiva destes sujeitos abraçou uma postura diferenciada perante a relação entre subjetividade e conhecimento nas situações de ensino e de aprendizagem. Nos bancos das Licenciaturas, bem como dos Mestrados Profissionais, as narrativas (auto)biográficas passam a se apresentar como recursos especiais:

[...] algumas produções se levantam como gêneros (auto)biográficos universitários, é para fazerem frente à uma visão aplicacionista da Educação que se caracteriza

²⁴ Referência à Pedagogia do Oprimido e seus desdobramentos nacionais e internacionais.

²⁵ Data também de 2000 a aceleração do crescimento do Formato Podcast pelo mundo.

pela dicotomia teoria-prática. Logo, outra direção é indiscutivelmente necessária para aumentar o dinamismo que permite aos que se formam a possibilidade de se tornarem reflexivos sobre suas próprias práticas e decidirem com mais autonomia. O interesse pela formação de professores(as) que se baseia no registro escrito de suas experiências pedagógicas compõe, todavia, um entre os grandes eixos de investigação. (TEÓFILO, 2019, p. 37)

Em processos distintos, pessoas se formam, mas também se transformam no decorrer de suas trajetórias. Nos âmbitos em que desenvolvem escolhas abrangidas por seus ofícios, empreendem combinações. Ao registrarem suas caminhadas em narrativas, seus caminhos se identificam em muitos aspectos e rendem direções alternativas futuras. De Galeria até Museu do Cotidiano, há uma vocação que se manifestou reflexiva e gradativamente. Além de museus combinarem linguagens da Comunicação e da Educação em suas propostas expositivas, a virada do século potencializou o desenvolvimento de recursos tecnológicos e ampliou a absorção destes nas rotinas diárias dos indivíduos. Na interseção das esferas do educar e do comunicar, emergiu outro relevante movimento: a Educomunicação.

Soares (2014) é um expoente brasileiro na Educomunicação, uma vez que possui uma obra fundamental para quem busca compreender os aspectos históricos marcantes nas trajetórias de aproximação entre a Comunicação e a Educação. De acordo com este estudioso aconteceu dentro desta aproximação, nos últimos 60 anos, o surgimento de uma variedade de projetos que tem, inclusive, mobilizado instituições em torno do tema. A própria UNESCO é participante da busca por envolver os países latino-americanos nos percursos de desenvolvimento de uma educação midiática. Afinal, esta demanda pode ser tomada como um problema educativo primário, cuja natureza é cultural, além de representar uma condição para o próprio desenvolvimento das sociedades. Sendo assim, nas reflexões e estudos das problemáticas que revelam as circunstâncias nas quais Educação e Comunicação se aproximam, é imprescindível levar em conta as particularidades dos contextos socioculturais em análise. Nesse sentido, ainda que sejam sugeridos Protocolos (Moral, Cultural e Mediático) para os estudos neste campo, as etapas, o teor das controvérsias e as propostas apresentadas são variáveis de acordo com as suas origens. (TEÓFILO, 2019, p.47-48)

O reposicionamento dos sujeitos da Educação e da Comunicação nos favorece quando ponderamos a partir de nossas construções socioculturais. Com isto, as assimetrias políticas e econômicas tendem a ser simultaneamente recontextualizadas. O fato é que a relação entre educadores(as) e comunicadores(as), tal como ocorreu no caso das escolas e dos museus, abriu um rico circuito de intercâmbios e de mútua aprendizagem. Se, num primeiro momento, as interações escola-museu levaram a uma escolarização dos museus, estes últimos muito se desenvolveram ao buscarem desescolarizar²⁶ sua cultura institucional. Consciente na necessidade de não frear imperativas transformações, a figura do(a) profissional Educomunicador(a):

[...] assumiu a Educação para a Mídia (Media Education) não simplesmente como uma questão educacional, mas, sobretudo, como um problema cultural. Tornou

²⁶ Referência a uma circunstância amplamente discutida pelo consagrado artigo de 1990 "A favor da desescolarização dos museus", escrito por Maria Margareth Lopes (Vide Referências).

conhecido as, até então, desconhecidas experiências latino-americanas relacionadas à educação midiática, trazendo a público o conceito da Educomunicação, assim como o perfil profissional do Educomunicador (Educommunication concept and Educommunicator profile). Promoveu, finalmente, um efetivo diálogo entre pesquisadores do campo da Media Education e professores de sala de aula. (apud, SOARES, 2014, p.22)

Com o discernimento de seu potencial de conscientização em várias frentes culturais, apesar de alguns tropeços, a Educação deu suas mãos à Comunicação e percorre com ela pelos ambientes onde encontra abertura. Com a Web, o acesso à produção e à distribuição de conteúdos deixou de ser um privilégio de poucos. A cada dia, o ato de conhecer ganha plataformas, softwares, programas, isto é, toda sorte de recursos gratuitos e abertos a quem tenha acesso à Internet. No paraíso das tecnologias digitais, existem ferramentas escondidas em armadilhas ao exercício do conhecer. Contudo, o grande desafio é recortar o que nos importa desenvolver como sujeitos, sempre numa relação reflexiva sobre a unidade com um coletivo que se liberta de grilhões. Estes, outrora mais marcantemente físicos e geográficos, indicam-nos que as demandas decoloniais contemporâneas se baseiam nos contornos da expertise em programações tecnológicas e em ideologias implícitas no relacionamento entre a dimensão simbólica humana e a dimensão técnica informatizada. O profissional educador, por sua vez, deslinda a

[...] importância de se rever os padrões teóricos e práticos pelos quais a comunicação se dá. Busca, desta forma, transformações sociais que priorizem, desde o processo de alfabetização, o exercício da expressão, tornando tal prática solidária fator de aprendizagem que amplie o número dos sujeitos sociais e políticos preocupados com o reconhecimento prático, no cotidiano da vida social, do direito universal à expressão e à comunicação. (SOARES, 2014, p.24)

As últimas gerações demonstram necessitarem de um aprimoramento no escutar, produzir e disseminar narrativas, em prol de melhor discernirem sobre suas questões de vida. Existem miragens e graves riscos na convivência entre indivíduos que se relacionam entre si sob o suporte de meios e linguagens cujas atualizações são diárias. Até porque, somos sujeitos em processo de reelaboração do convívio com as nossas subjetividades. Há quem se centre demasiadamente em (auto)imagens inspiradas em discursos atrativos e reducionistas de uma percepção própria. Todavia, há aqueles(as) que dão passos adiante na capacidade de acessar a complexidade de si e do Outro. Com os estímulos de tantas interações e interatividades, ampliar a consciência corresponde a um renovado desafio. Assim, é fundamental seguirmos cautelosamente por este desconhecido terreno de mensagens e acessos, no qual estamos sujeitos a muitos avanços e recuos.

Libertação das vozes mediatizadas (?)

Ao trazer à baila as sutilezas da mediatização das vozes, Zumthor (2010) afirma que “[...] somente a indústria assegura a sua realização material, e o comércio, sua difusão. Tanto servilismo limita (quando não elimina) a espontaneidade da voz.” Nestas circunstâncias ora analisadas, será mesmo inteiramente condicionada e mercantilizada por aparatos toda e qualquer intersubjetividade na comunicação entre falantes-ouvintes? Se pensarmos nos meios e linguagens que se somam e passam a conviver entre si, só nas escolas, universidades e museus, poderemos mencionar listas de superposições e combinações de tecnologias e códigos com constante acréscimo de ítems. “Deste modo, observa-se a presença de duas tendências: inovação e conservação. Conservação em memórias de fácil acesso, como continuidade do patrimônio iconográfico em um quadro de sensibilidade renovada” (DAMIATI, 2007, p.6), algo que caracteriza o formato Podcast.



Figura 1: Uma das imagens exibidas no ambiente de hospedagem do *Podcast decolAtiva do mUc*: conteúdo sonoro desenvolvido juntamente com a pesquisa para o Mestrado Profissional Educação e Docência (PROMESTRE/ FaE/UFMG). Fotografia: Marcela Teófilo (2018)

De que as narrativas são componentes importantes do que o mUc expõe durante as visitas ao acervo, não restam dúvidas. O registro²⁷ de áudios durante algumas destas visitas não constitui, pois, uma reprodução exata da experiência integral vivenciada pelos(as) presentes no cenário de origem das falas e conversas captadas. Não obstante, como forma periódica de registrar dinâmicas cotidianas no Museu do Cotidiano, produzir um Podcast encaminha toda uma atividade curatorial e produtiva: captar e lidar com vozes em turnos de fala, circunstâncias e mensagens que, conjugadas com outros recursos sonoros, colaboram para elaborar um roteiro repleto de epifanias ampliadas pelos estudos desenvolvidos no mUc. Para que tudo isso se realizasse, a superação de bloqueios, o ganho de auto-confiança e a capacitação técnica vieram como responsabilidades pressupostas.

Fazer e acontecer foram os verbos do princípio pelo qual o Museu do Cotidiano se fez e hoje acontece no Circuito da Liberdade. O MuC carrega consigo o estímulo do “Objeteiro” à criação autônoma de ações, intervenções, curadorias etc. por quem se disponha a “decolar”, iniciar trilhas e expandi-las: fazer espaço na “falta de espaço”²⁸. Muito além da importação, do “norteamento” por uma vertente conservadora de qualquer área do conhecimento (ou de toda sorte de aparatos e tecnologias de última geração!), sular é indispensável. Das habilidades e competências em escutar vozes suleadoras com abertura, beneficiam-se educadores(as), comunicadores(as), museólogos(as), “objeteiros(as)” e todos(as) aqueles(as) que participam como mediadores(as) de intersubjetividades. Os diálogos iluminados por esta escuta impactam diretamente no livre pensar dos sujeitos, na dissolução progressiva dos condicionamentos variados que ainda comprometem o caminhar da nossa sociedade.

²⁷ A captação dos áudios foi realizada pela pesquisadora Marcela Teófilo.

²⁸ Antônio Carlos brinca que o mUc, com tantos objetos, não é um espaço: é uma “falta de espaço”!

Aprendentes do sulear e de uma “Curadoria decolAtiva”

“Aprendente”²⁹, “sulear”, “decolativo”... Sim, nós estamos trazendo para as nossas vozes criações e neologismos, em prol de abriremos espaços onde possamos ser verdadeiramente livres em nosso pensar, falar e agir! Isto também se faz ao articularmos conceitos “importados” com métodos e linguagens importantes para o amadurecimento de uma Epistemologia do Sul. E o modo narrativo de pensar está na base desta configuração epistemológica que nos contempla (p.35). Uma voz suleada, como denominamos aqui as vozes dos sujeitos que falam no e a partir do Sul, vibra em si a importância de se reconhecer nos sentidos provenientes de suas origens, seus ambientes e cotidianos. Por isso, as situações de fala trazem à tona a capacidade dos sujeitos falantes refletirem e tomarem outras posições frente às exclusões, hegemonias e aos dogmas. Vozes que se desconstróem a cada (re)construção e que, ao se libertarem, descolonizam-se por meio de seus símbolos.

É nesse sentido que o método biográfico e os Cultural studies encontram-se numa mirada comum, que estão para além das divisões disciplinares. Nem multi-, nem inter-, nem transdisciplinar, mas pós-disciplinar. Isso quer dizer que é preciso ir buscar instrumentos heurísticos e metodológicos no lugar onde eles se encontram: na história social, na filosofia, na antropologia social e cultural, na etnografia, na psicologia e na psicanálise, mas também na literatura e na poesia. (apud PASSEGI e SOUZA, 2017, p.12)

Então, quer dizer que narrativas (auto)biográficas estão autorizadas em pesquisas científicas “sérias”? Talvez seja mais apropriado dizer que narrativas, literatura, poesia etc. correspondem a alternativas de instrumentos enriquecedores para as pesquisas científicas do Sul. A Epistemologia Qualitativa, trazida da área de Psicologia para pesquisas em Educação, é uma metodologia que se dispõe a encontrar significativos traços de emoção nas expressões de sujeitos. Considera inclusive aspectos que nos auxiliam a acessar diversas formas de conhecer o mundo³⁰. Isto pede uma abertura para estabelecer fluxos reflexivos que se distiguem daqueles tradicionalmente adotados nas pela maioria das investigações universitárias. Nossos indicadores e categorias³¹ acompanharam os peculiares eixos, hipóteses e questões instigadas pelo mUc: O que o “Objeteiro” sempre mostra e conta para os(as) visitantes? Por que alguns objetos e histórias não se destacam em todas as visitas? Tem algum sentido que, mesmo em meio ao trânsito de peças, alguns ítems permaneçam em pontos específicos? Alegria e surpresa, termos e expressões linguísticas são parte do que torna o Museu do Cotidiano “decolativo”. Portanto, o “sulear” e o fazer “Curadoria decolAtiva” são objetos epistemológicos, socioculturais e políticos relevantes para pesquisas, dos quais derivam produções significativas, pelos quais muito se aprende e pode ser repercutido.

²⁹ “Aprendente” é um termo de Passeggi (2016) que designa a nossa dimensão aprendente em nossos variados papéis: educadores(as), estudantes, pesquisadores(as) etc.

³⁰ Desenvolvida por Rey (2003), a Epistemologia Qualitativa encontra muito sucesso, por exemplo, em estudos na área de Educação Inclusiva.

³¹ Ao editar as histórias gravadas, as falas durante as visitas e a linguagem poética colaboraram para uma reflexão de hipóteses sucessivas. Dentre a identificação e a organização dos indicadores (um conjunto de expressões linguísticas próprias do “Objeteiro” e traços de surpresa e alegria, emoções predominantes nas visitas ao mUc) na três categorias: *Cultivo da Infância, Paradas Obrigatórias e Tragicomédias da singularidade*.



Figura 2: O “Objeteiro” se dirige a todos(as) que visitam o mUc e mostra objetos, em torno dos quais tece narrativas (auto)biográficas. Fotografia: Alice Ventura (2018)

Cabe mencionar ainda a revolução à qual se expõe um sujeito que se lança na observação, na pesquisa, na narração e em diferentes ações, rumo ao alcance de seus objetivos. Onde e de onde se esteja, procurar temas, objetos, perguntas e o que promova em si o movimento suficiente para abandonar quaisquer zonas de conforto: mais que ansiar por títulos que autorizem e por equipamentos de ponta, descobrir o valor intrínseco de se formar, transformar-se, abrir-se para diálogos livres e ações libertadoras. Por que não começarmos pelas pessoas e as circunstâncias com que convivemos? Por meio do *Podcast decolAtiva* nos comprometemos a desempenhar atividades sobre as quais precisamos aprender praticamente tudo. Oprimida por inquietações de uma Professora de Filosofia do Ensino Médio, entrei como pesquisadora em um Mestrado Profissional que me abriu as portas de um museu do Sul em institucionalização. Junto da Professora-pesquisadora³² que lida mais proximamente com o Ensino de Ciências, aprendi que a abertura ao diálogo abre consigo um mundo de conexões possíveis: ela se abriu para me orientar e para sulearmos juntas também!

Aprendentes do “sulear” e de uma “curadoria decolAtiva” recebem roteiros para cinema, romances, versos, ensaios, narrativas (auto)biográficas³³ e o que mais identificarem oportuno como instrumento de ensino, pesquisa e extensão. Sentidos subjetivos, imaginários e emoções tem fundamento e legitimidade nas vozes de “narradores(as)” e “sujeitos de experiência”³⁴ que aceitam se por a caminho, em escuta, e encaram fazer travessias. Na contramão das violências, quem se expõe, arrisca-se a encontrar a própria voz, conhecendo-a, libertando-a e ressignificando-a. Concluído o mestrado, prossegue-se suleando na trilha sonora aberta pela experiência com o “Objeteiro” no mUc. O projeto “*Passeio de sabiÁtica: biografias que voam*” passeia por diferentes

³² Referência à orientadora de pesquisa Profa. Marina Assis Fonseca.

³³ A pesquisa para elaborar o *Podcast decolAtiva* se valeu de obras como a de Selton Melo, que se transformou em roteiro para o filme “O Palhaco”, o romance “A audácia dessa mulher”, de Ana Maria Machado, o livro “Baú de Ossos”, escrito por Pedro Nava, o poema “O apanhador de desperdícios”, do poeta Manoel de Barros e afins (Vide Referências).

³⁴ Características do “Narrador”, sobre o qual discorre o ensaio de mesmo nome escrito por W. Benjamin são aproximadas dos traços do “sujeito de experiências”. Este último aparece em “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”, de Larrosa, e ambas as idéias nos auxiliam a refletir acerca das experiências do nosso sujeito no mUc: o “Narrador-Objeteiro”.

espaços físicos e virtuais³⁵ de convivência, onde reverbera as pílulas do *Podcast sabiÁtica*. Cada episódio combina fundo musical, poesia e narrativas (auto)biográficas realizadas com e por sujeitos conscientes da importância social do acesso de todos(as) ao compartilhamento e à escuta de histórias de vida. A fim de colaborarem com as ações comunitárias da parceria entre o Centro de Saúde (CSBDI) e o Centro Cultural (CCBDI), ambos equipamentos públicos de Belo Horizonte localizados no Bairro das Indústrias, as intervenções sonoras do “Passeio de sabiÁtica” foram recebidas e vivem os seus primeiros voos nas Rodas de Conversa de grupos terapêuticos. Em setembro de 2019, também no CCBDI, a pílula “Descrevidência”³⁶ fez parte de uma mostra no evento “Cultura, arte, empoderamento, inclusão cidadã”, dentre oficinas, espetáculos e outras atividades que contemplaram o universo das pessoas cegas e de baixa visão. Enfim, é grande e interminável o aprendizado de que “o importante é se manter decolativo(a)”!³⁷

Referências

- ABIJAUDE, Isabela Vecci. **Por um museu do cotidiano**. Periódico cultural Letras. Belo Horizonte, Minas Gerais, abril de 2018. n. 56. E de Especial. Vida, modo de usar. p. 26-28.
- BAKTHIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. In: Estética da criação verbal. Tradução de Paulo Bezerra. 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARROS, Manoel de. **O apanhador de desperdícios**. In: PINTO, Manuel da Costa (Edição, Seleção e Comentários). Antologia comentada da poesia brasileira do século 21. São Paulo: Publifolhs, 2006. P. 73-74.
- BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra Nikolai Leskov**. In: _____. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994c. v. 1.
- BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, 15s.20-28. ISSN 1413-2478. Disponível em: www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf. Acesso em 30 de junho de 2017.
- CORTELLA, Mário Sérgio; DIMENSTEIN, Gilberto. **A Era da Curadoria: o que importa é saber o que importa!** (Educação e formação de pessoas em tempos velozes). Campinas, SP: Papirus 7, 2015
- DAMIATI, D. **Podcast: Reinvenção da Comunicação Sonora**. In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2007, Santos. Intercom, 2007. Disponível em: www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0708-1.pdf. Acesso em 30 de junho de 2017.
- DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Felix. **Mil Platôs – Capitalismo e esquizofrenia**. Vol.1. 2ª Ed. São Paulo: Editora 34, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **A vida dos homens infames**. In: _____. Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

³⁵ Ambientes virtuais de compartilhamento do Podcast sabiÁtica, trabalho autoral de Marcela de Queiroz Teófilo: <https://soundcloud.com/marcelafilosofia21>, <https://facebook.com.sabiatica/>, <https://sabiatica.wordpress.com> e @ssabiatica (Instagram).

³⁶ Disponível em: <https://soundcloud.com/marcelafilosofia21/descrevidencia>

³⁷ Esta é a última afirmativa registrada na dissertação “Podcasts no Museu do Cotidiano: um estudo sobre conteúdos sonoros e diálogos abertos”. Pertence à seção “Notas de uma aprendente”, mesmo nome da faixa que contém a leitura do texto na íntegra e foi publicada no *Podcast decolAtiva*.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 43. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

LEMOS, André – Podcast. **Emissão sonora, futuro do rádio e cibercultura**. Disponível em: http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOtF0und/404_46.htm. Acesso em 20 de maio de 2017.

LOPES, Margareth Maria. **A favor da desescolarização dos museus**. Revista Educação e Sociedade. Campinas, v.3, n.40, dezembro, 1991.

MACHADO, Ana Maria. **A audácia dessa mulher**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

MACMANUS, Paulete. **Educação em Museus: pesquisas e práticas**. Martha Marandino e Luciana Monaco (Org). São Paulo: FEUSP, 2013.

MARTINS, Erikson de Carvalho; SANTOS, Gilberto Lacerda dos. **Epistemologia Qualitativa, fenomenologia e pesquisa-ação: diálogos possíveis**. FILOSOFIA E EDUCAÇÃO, v.9, p.18-45, 2017.

NAVA, Pedro. **O Baú de Ossos: memórias**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1974.

PASSEGGI, M.C.; SOUZA, E. C.. **Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional**. InvestigacionCualitativa, v. 2, p. 6-26, 2017.

RAMOS, Francisco Regis Lopes. **A danação do objeto**. O museu no ensino de História. Chapecó: Argos, 2004.

TEÓFILO, M.Q.. **Podcasts no Museu do Cotidiano: um estudo sobre conteúdos sonoros e diálogos abertos**. Dissertação de Mestrado (PROMESTRE/FaE/UFMG). Belo Horizonte: 2019.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2007.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre comunicação e educação**. Comunicação e Educação (USP), v. 19, p. 15-26, 2014.

STEINER, G.. *La barbarie de la ignorancia*. Madri: Del Taller de Mario Muchnik, 1999.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Tradução de Jerusa Ferreira, Maria Lúcia Pochat e Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

O Palhaço. Direção: Selton Mello e Marcelo Vindicatto. 2011. Brasil: Produzido pela Bananeira Filmes e coproduzido pela Mondo Cane Filmes. 88 minutos, Color.